

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

INÊS PEREIRA DA SILVA

**AGRESSIVIDADE: DO LAR AO ÂMBITO
ESCOLAR**

AMERICANA

2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

INÊS PEREIRA DA SILVA

**AGRESSIVIDADE: DO LAR AO ÂMBITO
ESCOLAR**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia -
Programa Especial de Formação de Professores
em Exercício nos Municípios da Região
Metropolitana de Campinas, da Faculdade de
Educação da Universidade Estadual de Campinas,
como um dos pré-requisitos para conclusão da
Licenciatura em Pedagogia.

AMERICANA

2008

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Si38a Silva, Inês Pereira da.
Agressividade : do lar ao âmbito escolar : memorial de
formação / Inês Pereira da Silva. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2 Memorial. 3 Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. II. Título.

08-374-BFE

“A todos os pais e educadores que buscam
amenizar a agressividade”.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus; pelo animo sabedoria que assim tem contemplado no decorrer desses anos.

Ao meu filho Davi, meu esposo, minha sogra Júlia e minha cunhada Mary, que tanto me auxiliaram no decorrer dessa jornada.

A todas as alunas da sala, em especial ao TRIO: “Ezilda, Juliana Nunes e Juliana Ramos”, pela reciprocidade na aprendizagem.

A Talitinha, uma amiga especial que Deus colocou em minha vida.

A minha irmã Maria, primeira incentivadora para que tal momento acontecesse.

A Equipe do C.M.E.I. “Criança Feliz”, todas de alguma forma contribuíram nessa jornada.

A todos os Assistentes Pedagógicos que ministraram suas aulas no decorrer de cada semestre incentivando a todas; muitos (as) dos mesmos (as) criando um vínculo agradável.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
1. MINHA INFÂNCIA, MEU TEMA	2
2. MINHA INSERÇÃO NO MAGISTÉRIO	6
3. EDUCAÇÃO INFANTIL E O PROCESSO DE FORMAÇÃO: PROESF	11
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20

APRESENTAÇÃO

Para abordar o tema agressividade, terei a oportunidade de relembrar fatos de minha infância que estão vivos em minha memória, até então.

Enfatizarei momentos de uma agressividade cruel que visualizei ao ingressar na carreira do magistério, como inspetora de alunos no município e também como professora estagiária vinculada a Rede Pública Estadual. Foram momentos difíceis.

Todos estes fatos vivenciei antes da experiência de ser mãe tendo hoje outra concepção, uma visão materna. Foram muitas experiências tanto no ensino de 1ª à 4ª série na Rede Municipal de Americana, como de Inspetora de alunos quanto no CIEP (Centro Integral de Ensino Público). As crianças ficavam na escola em período integral e também participavam de algumas atividades extra-classe.

Trabalhávamos em sistema de revezamento, dia e noite e com isso conhecia duas realidades a do período integral e do período noturno.

Depois de casada e mãe, tive oportunidade de trabalhar na Prefeitura Municipal de Limeira como monitora, desempenhando minhas atividades no berçário. A creche tinha um trabalho completamente assistencialista; mesmo depois da Constituição de 1988, que enfatizava o caráter educacional visando o aspecto pedagógico e o desenvolvimento social e cognitivo.

Atualmente, ano de 2008, trabalho na Rede Municipal de Nova Odessa como ADI¹, atuando com crianças de faixa etária de 3 e 4 anos. E nesse contexto que vivenciei a maior parte das minhas experiências positivas e negativas sobre o tema da agressividade. Fazendo sempre um gancho com outros temas e abordando os meus erros, acertos e expectativas na busca de algo novo para minha trajetória, consciente de que haveria dificuldades. Essa é a base do meu memorial de formação.

¹ Auxiliar de Desenvolvimento Infantil

1. MINHA INFÂNCIA, MEU TEMA

“A colocação de limites é uma atitude de carinho e afeto, tem a função de ajudar as crianças a viver em um grupo social e garantem segurança física e emocional. Portanto limites claros são necessários e bons e, como as margens de um rio que ele siga seu curso corretamente”.
(Revista do Professor, Signorette p. 5 – 8)

Relembrar fatos que marcaram nossa vida se faz necessário, especialmente se foi doloroso. Reporto-me à minha infância, cuja agressividade se fez presente influenciando o delinear das futuras páginas deste memorial.

Antes que eu inicie tal exposição, faço menção ao que foi ministrado em aula *Magna*: “Os acontecimentos, as idéias que hoje tenho reconstroem acontecimentos que marcaram a existência do ser pensante”. (Prado, aula Magna 03/04/2007).

Todos os acontecimentos quando analisados, de forma minuciosa, trazem uma nova visão, e hoje tenho a certeza de que tudo que anotei e vivenciei nestes três anos no PROESF² aprofundou ainda mais meu desejo pela busca de respostas especialmente sobre o que vivi em minha infância. Significa relembrar uma agressividade que ora se faz tão distante, mas ao mesmo tempo tão presente, pois foi algo que vivi e senti.

Encontrei; uma série de definições sobre agressividade e considerei a mais relevante para explicar a qual vivenciei. Ou seja, “A agressividade não é um processo unitário, ela deve ser concebida como processo comportamental na qual alguém ou um grupo de indivíduos saem prejudicados a partir de um ato realizado por outros”. (JUSKA, 1995 p.44).

Desse modo, percebo que fui prejudicada por tal ato, pois o acesso à escola era muito difícil, visto que morávamos na zona rural. O que prevalecia era o trabalho na lavoura assim, muitas crianças não concluíam nem mesmo a 4ª série. Íamos à escola de uma cidadezinha chamada Aspásia no interior do estado de São Paulo, bem próxima do estado do Mato Grosso e do sítio onde morávamos ficava a sete quilômetros.

Eu amava ir à escola, pois lá encontrava as professoras, as merendeiras, aquelas carteiras bonitas onde sentava-se individualmente, enquanto que na zona rural em cada carteira sentavam dois alunos. O sanitário também já tinha esgoto, uma vez que a maioria dos sanitários da zona rural eram ligados à fossa.

² Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas.

A escola, para mim é o que havia de melhor e mesmo enfrentando muitas dificuldades, em dias chuvosos, fome e a pobreza, pois onde estávamos inseridos não havia possibilidade de termos uma boa alimentação, o objetivo que não perdia de mente, era: estudar.

Quando refiro a éramos, buscávamos, faço menção a mim e ao meu irmão, um ano mais velho que eu e na época com 9 anos. Eu, aproximando-me dos 8 anos e adentrando na 1º série; queria muito aprender, pois no meu lar os meus irmãos mais velhos já haviam deixado a escola para aderirem ao trabalho na lavoura. Eu queria conhecer o alfabeto. Como diz Freitas (2003, p.29)

(...) O saber é passado verbalmente ou por meio de livros ou materiais impressos, são impedidos de aprender com a natureza e com a sociedade. Tal o isolamento e a artificialização a que são submetidos os alunos. Entretanto a sala é uma construção histórica com finalidades claras de aprendizagem de determinadas relações sociais vigentes na sociedade que a cerca (...)

Compartilho da concepção que a sala de aula realmente é uma construção histórica. Lembro-me de Dona Terezinha, fazendo uso da cartilha “Caminho Suave”, soletrando com sua voz calma e passando as lições para o próximo dia. Tendo realmente essa aproximação e vendo-nos como alunos que construía uma história com seu auxílio.

Tudo para mim era maravilhoso somente no decorrer do caminho até a escola tinha algo amedrontador, pois além das ameaças, sofriamos a agressividade.

No ano de 1975 mais ou menos no decorrer do mês de Maio veio morar uma família no sítio ao lado do qual morávamos. Eles trabalhavam como meeiros³ e deram início ao processo de torturas e agressividade em minha vida e do meu irmão. As crianças dessa família passaram a ir à escola conosco, só que os mesmos tinham uma estatura física avantajada e nos causavam um temor.

Por que o temor? Porque no decorrer da caminhada até à escola passávamos por uma ponte muito alta onde os mesmos nos ameaçavam dizendo que nos lançariam de lá. Assim que terminava a aula saíamos correndo com o objetivo de passarmos antes deles pela ponte mas nossas estratégias eram em vão, pois logo nos alcançavam. Ameaçando no primeiro momento e depois agiam usando a força física para nos agredir. Conforme Kaplan & Sadok (1993) Agressão é qualquer forma de conduta direcional visando prejudicar ou ferir outra pessoa.

³ O que planta em terreno alheio, repartindo o resultado das plantações com o proprietário.

O que importava para esses meninos era nos ferir, deixar-nos sem argumentos para tentar um diálogo, pois mesmo eles agindo assim, nós queríamos ser seus amigos. E o ser amigo naquele momento era irmos e voltarmos juntos para a escola conversarmos sem ameaças. Quando falo da ameaça, entendo que essa é mais agressiva do que o ato, pois as palavras: “quando voltarem vocês verão”, me deixava muito angustiada. O pior, pois sabia que mais tarde, a agressão se repetiria.

O tempo foi passando e as perspectivas de melhorar o sofrimento só seria possível se mudássemos o trajeto para a escola, o que o tornaria mais difícil, pois a extensão em quilometragem aumentaria. Portanto a luta era nossa!

Mas a recompensa era gratificante, pois meu objetivo almejado já se realizara: já estava lendo e escrevendo, cada dia mais incentivada por “Dona Terezinha” que também me presenteou com um par de chinelas havaianas, pois a minha arrebatava constantemente. Aquele par de chinelas jamais será esquecido.

A escola era para mim, acolhedora e resgatava valores que nem eu mesma sabia que possuía, pois até então o sentimento que aflorava em mim era o medo e a angústia, por causa da situação que vivia.

Segundo os PCNS⁴ (vol.8p. 109):

(...) Para alguns, agressividade em relação ao outro é traço natural do homem, e o estabelecimento de uma sociedade onde as pessoas convivam com um mínimo de harmonia e paz, somente pode ser realizado, mediante formas de repressão dessa agressividade. Para outros, os comportamentos violentos são essencialmente causados por fatores sociais que levariam inelutavelmente a condutas agressivas (...)

Vejo que em outras décadas fatores sociais como o descaso, a não preocupação com os seres humanos já se faziam presente na vida das crianças, gerando assim a falta de limites, que no futuro acarreta um alto índice de agressividade.

Minha história eu construí ouvindo muitos não e fazendo deles um sim, ou seja, uma sim para eu ir além, avançar profissionalmente e estar diante dessa folha lembrando do passado, compreendendo o seu significado para o meu presente e para o que eu ainda posso realizar no futuro.

Rememorar o meu passado tornou possível escolher a temática da agressividade, algo que vivi e que afetou o meu cotidiano. Hoje, depois de cursar o PROESF, entendo melhor o que vivi e pude superar as visões do senso comum que tanto me afligiam.

⁴ Parâmetros Curriculares Nacionais

Hoje, tenho uma nova visão diante das dificuldades encontradas e as analiso de um ângulo diferente, buscando estratégias para superá-las. Enfim, esses foram os principais fatos de minha infância que me direcionaram para esse tema – a agressividade. Mas a história não termina aqui.

2. MINHA INSERÇÃO NO MAGISTÉRIO

“Não se pode ensinar tudo a alguém.
Pode-se apenas ajudá-lo a encontrá-lo por si mesmo”.
Galileu Galilei

Nesse capítulo relembrarei fatos que conduziram a minha vida, junto ao magistério.

Ingressei na Prefeitura Municipal de Americana no ano de 1991, quando prestei um concurso para inspetora de alunos. Fui aprovada e logo convocada para assumir o meu posto. Cheguei no Ciep sem nenhuma experiência na área educacional e iniciei minhas atividades sem nenhum curso preparatório.

Questionei junto aos outros recém-chegados na profissão sobre o que realmente faríamos salientando que segundo o regimento do servidor público, teríamos muitas atribuições; sendo as principais cuidar, vigiar e envolver-se com as crianças que permaneciam no Ciep no período integral. De acordo com o ECA ⁵

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho assegurando-lhes”.

I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

II – Direito de ser respeitado por seus educadores “(Lei nº. 8.069 de 13 de Julho de 1990).

Hoje conhecendo o Estatuto e tendo um embasamento profissional no mesmo, tenho condições de exercer plenamente minha profissão, mas quando iniciei no Ciep logo após passar no concurso, não conhecia nada, pois a prova exigia apenas Português e Matemática.

Muitos eram meus sonhos quando conquistei a vaga no concurso, no entanto tinha uma visão inspetor de alunos como aquele (a) funcionário (a) que auxiliava o professor (a) no decorrer do expediente. Mas naquele momento pensei: qual seria minha função?

Uma série de indagações vinha em meu pensamento e só no decorrer da minha caminhada eu sanei minhas dúvidas, assim como novas surgiram, pois a cada dia surgia uma novidade.

Iniciei minha jornada no dia 11 de Fevereiro de 1991, no CIEP “Professor Anísio Spínola Teixeira”. O local ainda não estava preparado para receber as crianças em período integral, uma vez que ainda havia pedreiros concluindo a obra.

⁵ Estatuto da Criança e do Adolescente.

Por isso as atividades eram divididas em dois turnos, não agradando a população que almejava, a tal escola de período integral tão propagada pela mídia local, que a comparara com aquela escola do Rio de Janeiro, do Brizola.

O primeiro mês transcorreu dentro do normal, pois as crianças chegavam às 07h 30 min e saíam às 11h 30 min, como as escolas convencionais. No decorrer de Março de 1991 as crianças iniciaram o período integral que ia das 07h 30 min às 16h 30 min. Eu passei a auxiliar os professores, levando materiais até suas salas, organizando as filas externas, enfim estava à disposição para atender o corpo docente, os discentes e os profissionais do setor administrativo. Enfim, era nesta escola que eu estava desempenhando minhas atividades.

Comecei lembrar do meu passado, querendo uma definição de escola, pois estava achando que aquela, estava destoando do modelo padrão. Segundo Libâneo (2001, p.316) “As escolas são, pois, organizações, e nelas sobressai, à interação entre as pessoas, para a promoção da formação humana”.

Percebia que no contexto escolar colaborava realizando meu trabalho com a interação da comunidade, pois a mesma esperava que houvesse tal reciprocidade.

Passei então a entender que a escola não era apenas uma hierarquia padronizada e permitia uma abertura, não só quanto ao conteúdo, mas também em relação a toda a bagagem que a criança traz do universo externo à escola. Cada conversa, cada vida ali presente trazia sua história e sua convivência, fora da escola que inclui até muitos gestos obscenos. Eu passei a questionar o porquê de tantas brigas na escola.

No decorrer da manhã nos intervalos, os denominados recreios, as crianças brigavam muito, os chutes eram constantes e às vezes era ainda pior.

Enfim, os atos agressivos eram vários e constantes, mas um enfatizarei, pois realmente marcou minha caminhada, enquanto inspetora de alunos. Um aluno abordava o outro e segurava em sua mão, dizendo que o mesmo pactuaria com sua amizade deixando-lhe esfregar o dedo na mão até que a pele da mesma saísse, assim a amizade seria selada e ambos denominados “amiguinhos de guerra”. Eu fiquei sem palavras, mas mesmo assim levei a criança ao banheiro, higienizando o local e conduzindo-a até a direção. A mesma solicitou a presença materna, confirmando que nas ruas as crianças brincavam assim. Ou seja, a criança levava para a escola a violência que vivia nas ruas.

Segundo Vinha (2000, p.403). “A observação da violência parece aumentar, facilitar, estimular e encorajar a agressividade, pois provoca subseqüentes comportamentos por parte da criança que assiste a esses fatos”.

Passei a observar que essas crianças estavam inseridas em lares conturbados com violência ou muitas vezes nem tinham um lar propriamente dito. Marginalizados, traziam para o ambiente escolar, o que aprendiam nas ruas. A escola era para elas um “sonho dourado”, pois ali permaneciam o período integral; podendo usufruir de uma boa alimentação, de bons cadernos, boas oficinas e lá ninguém os maltrataria, a não ser eles mesmos.

Nos momentos de alimentação (independente do tipo que fosse: café matinal, almoço ou lanche vespertino) era uma disputa. Fazíamos fichas para que cada professor tivesse melhor condição de organizar a distribuição de alimentos. Os alunos da 3ª e 4ª série coagiam os menores retirando suas fichas, que lhe davam acesso ao interior do refeitório, e eu não queria mais usar de punição para os que praticavam tal ato. Isso por que aprendi lendo Foucault (1987, p.149) que “A disciplina traz consigo uma maneira específica de punir e que esta é apenas um modelo reduzido do tribunal”. Passei então a falar sobre respeito e mostrar que seria bem melhor todos esperarem o momento certo de se alimentarem de forma que eu pudesse abolir a palavra punição. Entendia que essa era a melhor forma de resolver o problema. Isso porque acredito que o respeito constitui sentimento fundamental na aquisição das reações morais.

Diante de tais dificuldades comecei a ter contato com conceitos, que mudariam algumas concepções sobre a agressividade; uma vez que pretendia dar continuidade ao meu trabalho. Isso mudou completamente minha visão sobre o meu trabalho.

Comecei a brincar nos intervalos com as crianças, aproveitando os momentos em que estavam nas dependências externas. Ao invés da punição, do vigiar fui a algo totalmente envolvente, usando o corpo de maneira agradável.

Segundo a Declaração dos Direitos aprovada pelas Nações Unidas em 20 de Novembro de 1959, sobre a “infância feliz”, no seu artigo 7ª declara: “... A criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras os quais deverão estar dirigidos para a educação à sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício desse direito...” (Declaração dos Direitos da Criança).

Acreditava que enquanto educadora poderia ser sim um agente transformadora de tal sociedade, pois com muitas dificuldades encontradas atribui ao meu trabalho esta inovação. Comecei a convidar as crianças a “lançar bolas ao cesto”, gostaram do evento. Depois passei a organizar a fila e com harmonia a brincadeira fluía. As brincadeiras amenizam tendências anti-sociais e são estímulo para o desenvolvimento psicomotor e para a aprendizagem da criança. Segundo Piaget:

(...) O jogo tanto sob a forma de exercício sensório motor como de simbolismo, consiste numa assimilação do real a atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso os métodos ativos de educação das crianças exigem que se forneça às crianças um material conveniente, a fim de que, jogando, elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais que, sem isso permaneceriam exteriores à inteligência infantil (...)
(PIAGET, 1970, p.158)

A partir disso meu trabalho transcorreu de maneira mais feliz, pois adquiri a confiança de alguns professores de educação física; sem entrar no espaço deles, mas criando uma relação harmônica. Eles davam amplitude à minha aspiração e me ajudavam com novas opções de jogos e brincadeiras. Diante de todas essas novidades (acertos e erros) entusiasmei-me com a carreira do magistério e decidi começar a cursá-lo.

No ano de 1992, fiz o denominado vestibulinho e ingressei no 2º ano, pois já possuía o 2º grau completo, fazendo apenas adaptação de uma disciplina intitulada Psicologia da Educação.

Foi muito proveitoso; pois no decorrer do mesmo, surgiram uma série de questionamentos. Eram dúvidas no meu dia-a-dia, que fui sanando unindo teoria e prática.

Ao concluir o magistério no ano de 1994, fiz inscrição na D.E. (Delegacia de Ensino) como estagiária, tendo uma carga de 4 horas diárias no período matinal e intermediário, que incluía parte do período noturno, uma nova realidade, pois neste turno funcionava o supletivo: Educação de Jovens e Adulto-EJA de 5º a 8ª série. Iniciei em Março de 1995 minhas funções como professora estagiária e o que mais me surpreendeu foi o fato de não haver inspetor de alunos. Assim quando eu não estava substituindo alguma das professoras, assumia essa função, cuidando, alertando, não punindo, pois neste momento já tinha uma nova concepção sobre punir.

Segundo Foucault:

(...) A arte de punir, no regimento do poder disciplinar, não visa nem a expiação nem mesmo exatamente a repressão. Põe em funcionamento cinco operações bem distintas; relacionar os atos, os desempenhos os comportamentos singulares a um conjunto que é ao mesmo tempo campo de comparação espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir (...)
(FOUCAULT, 1987, p.152)

Passei, no entanto, a vivenciar realidades distintas, ora na sala-de-aula, ora na área externa, mas com uma nova visão, ou seja, não só no sentido de vigiar e punir, mas buscando argumentos convincentes para trabalhar as dificuldades de relacionamento e nunca apenas apontando os erros. Confesso que tive meus momentos de desespero quando assumi uma função que não sabia verdadeiramente como executar e que exigia desenvolver um trabalho com muitas crianças oriundas de famílias diversas e com pouca noção de respeito e regras de vida em comum. No entanto acreditei e tive força de vontade para realizar o meu trabalho, pelo menos o melhor dentro do que me foi possível.

3. EDUCAÇÃO INFANTIL E O PROCESSO DE FORMAÇÃO: PROESF

“Ando devagar por que já tive pressa
E levo esse sorriso, por que já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe
Eu só levo a certeza de muito pouco eu sei, eu nada sei ...”
Almir Sater

No ano de 1999, após já ter saído da Prefeitura Municipal de Americana e vivendo um novo momento de minha vida, o de ser mãe, resolvi prestar concursos, pois queria voltar novamente ao mercado de trabalho. Participei de dois concursos, um na cidade de Limeira, para a função de monitora, que não exigia o curso de magistério e o outro na cidade de Nova Odessa para a função de ADI (Auxiliar de Desenvolvimento Infantil) e que exigia o curso de Magistério ou Pedagogia com especialização em pré-escola.

Passei no concurso de Limeira e fui logo chamada, isso no ano de 2000, iniciando em seguida minhas atividades, dificultada em alguns itens, pois tinha que levar meu filho, mas o mesmo não podia ficar na mesma unidade em que eu trabalhava.

Minha experiência foi no berçário, trabalhávamos em 3 monitoras, com 24 crianças, melhor dizendo, bebês entre quatro a nove meses. Mesmo trabalhando com esta faixa etária almejava desenvolver diversos aspectos voltados ao desenvolvimento amplo da criança, pois de acordo com a LDB⁶ “A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos psicológico, intelectual e social. Complementando a ação da família e da comunidade”. (LEI nº9394 de 20 de Dezembro de 1996)

Desse modo é que algumas indagações surgiram no meu cotidiano, pois neste momento eu já havia buscado outras concepções sobre a função da creche. E, mesmo sabendo que o seu caráter assistencialista havia sido superado, também constatava que o cuidar, que enfoca as necessidades básicas de alimentação e higienização ainda prevalecia. Não havia embasamento pedagógico nem reciprocidade do âmbito familiar, pois o que importava para a mesma era apenas os cuidados.

Como era recém chegada, passava por diversas faixas etárias na execução das minhas atividades. Muitas vezes com crianças que apresentavam um certo grau de violência. Eu procurava inventar diversas atividades, mudando muitas vezes o

⁶ Lei de Diretrizes e Bases - Lei nº. 9.394 de 20 de Dezembro de 1996.

cronograma de forma que elas vivenciassem uma nova experiência. Colocava colchonetes no chão, onde em duplas um aluno massageava o outro, utilizando palavras de afeto e carinho e mostrando que cada qual tem sua importância e o quanto é prejudicial machucar o corpo do outro, que a dor não é boa e que é importante o toque e não o empurrão ou o chute.

Refletia sobre o fato de que o processo de mudança requer tempo e apresenta dificuldades. Requer disponibilidade e vontade. Como dizia Freire (2000, p.55) “Mudar é difícil, mas é possível”.

Busquei-me aprofundar na compreensão da agressividade e notei que dois fatores implicam na mesma: a pessoa e o meio. O meio que inclui o contexto social, a família, etc.

Muitas famílias desajustadas não possuem um membro dentro da mesma que possa ser um exemplo para que a criança tenha onde espelhar-se. O que muitas vezes ela presencia são momentos desarmônicos no seu lar e “o castigo físico”. No interior das creches e escolas, vemos muitos pais dizendo: “Faça o que achar melhor professora, eu já não sei mais o que fazer”. Ou seja, passam a responsabilidade para nós mesmas, pois em seus lares não têm limites, valores que são de responsabilidade da família.

Mas, até que ponto o adulto está impedindo a autonomia da criança quando coloca um limite? É importante saber que o limite não está vinculado somente com a demarcação de alguns itens que poderão ser acolhidos e respeitados, é buscarmos junto das crianças, regras que criadas por elas futuramente serão cobradas. É importante que o adulto estabeleça junto das mesmas os limites no momento certo, não criando proibições constantes e tolhindo sua expansão motora.

Segundo Tiba (2002, p.180) “As crianças têm dificuldade de estabelecer limites claros entre a família e a escola principalmente, quando os próprios pais delegam à escola a educação dos filhos”.

Percebe-se que muitas vezes tal incumbência, conforme citei anteriormente, centra-se na escola, desvinculando da família tal responsabilidade e não havendo a reciprocidade escola x família. Eu, enquanto educadora, enfatizo a importância do limite como sendo algo bom e que todos devem usufruir. É bom termos hora para falar e hora de brincar sem maltratar o amigo, pois o que não é bom para mim, também não será para o outro. Procuro demonstrar autoridade, pois a mesma difere-se do autoritarismo. Autoridade é indispensável para que a criança perceba seus pais e professores como

figuras de apoio e identificação, internalizando-os de forma positiva, capazes de auxiliá-la em seus impulsos destrutivos sem humilhação.

Enquanto o autoritarismo faz uso de promessas e ameaças para impor limites, coagindo o comportamento, as regras e normas criadas juntamente com as crianças, permitem ao adulto dizer não e quando dizer não?

Segundo Zagury (2002, p.64)

(...) Se existe um momento certo para dizer não minha tendência é responder que existe sim: sempre que percebemos que nossos filhos ainda não interiorizaram certas normas de convívio social que revelam a apreensão dos conceitos de civilidade, respeito ao próximo, honestidade. Isso nos traz como consequência a percepção de que esses momentos serão muitos, ocorrerão muitos, ocorrerão muitas vezes a cada dia (...)

No decorrer do meu dia; procuro acondicionar alguns valores que muitas vezes, em suas residências as crianças, não têm. Os pais deixam de dizer não por uma questão de culpa, compensação ou talvez pelo pouco tempo que convivem com seus filhos. Mas, no interior da unidade, crio cantigas que ressaltam os valores e palavras que elas desconhecem, enfatizando assim o respeito. Por exemplo:

Três palavrinhas só...

Eu aprendi décor

Quais são elas?

Quais são elas?

Com licença

Por favor

Muito obrigado (a)

Procuro enfatizar formação da personalidade autônoma, tanto moral quanto intelectual. Não centrado no egocentrismo que é um fenômeno de indiferenciação do ponto de vista do outro. Digo não, mas há momentos como diante da música que estimulo a cooperação para que não haja desarmonia. Por exemplo: Digo que ao invés de chutar o amigo, seria melhor pedir licença, ao invés de tomar o brinquedo bruscamente, seria melhor, pedir por favor, deixe-me brincar um pouco e que diante desse pedido o amigo seria recíproco dizendo: muito obrigado.

São momentos difíceis de conduzir, não obtendo resultado imediato, mas percebo que algumas atitudes agressivas são amenizadas.

Até aqui frisei uma série de assuntos do meu trabalho, onde desempenho minhas atividades junto as crianças da faixa etária entre 3 e 4 anos, no município de Nova Odessa, enfatizando que muitas leituras e experiências relatadas no decorrer do curso, tornou-se um acervo para conduzir minha realidade. A partir desse ponto, relatarei um pouco sobre meu sonho de cursar uma universidade e como isso realizou.

3.1 O curso universitário: PROESF

Trabalhando na Rede Municipal de Nova Odessa soube que muitas professoras estavam cursando Pedagogia pela Unicamp, mas não sabia que eu também poderia cursar. Soube depois, que nós educadoras de creche, também podíamos usufruir de tal benefício. Em 2003 prestei o vestibular e não tendo sucesso só consegui ingressar em 2005. Fiquei muito feliz e esse sentimento posso expressar com esta poesia:

Há tempo...

Há tempo para andar, ou para correr.

Há tempo para cantar ou para chorar.

Há tempo para falar ou simplesmente para um oi...

Há tempo para organizar-se ou buscar desordenadamente.

Há tempo para construir ou averiguar a construção.

Há tempo para dizer que a vida é um eterno recomeçar.

Há tempo para contemplar a beleza de uma flor.

Há tempo para ver o sorriso de uma criança.

Ainda há tempo para eu dizer: Estou recomeçando.

Autora: Inês Pereira da Silva

(Dinâmica ministrada na primeira aula de Multiculturalismo, Agosto 2005).

Ao entrar na Universidade cursando Pedagogia pelo PROESF, tive receio, pois pensava que encontraria somente jovens entre 25 e 30 anos e somente eu já aproximando dos 40 anos, no entanto, várias jovens me deram incentivo (Juliana Ramos e Juliana de Paula). Encontrei sim muitos jovens, mas com o mesmo ideal, muitas delas já cursando a segunda universidade e nem por isso achavam-se melhores e procuravam me encorajar.

Considerarei que ali seria uma nova etapa em minha vida e hoje já no término do 6º semestre, muitas das minhas memórias estão aqui relatadas enfatizando a importância dos AP^{s7} que fielmente ministraram suas aulas, havendo sempre a reciprocidade dos Doutores que brilhantemente traziam um acervo de informações engajadas com a realidade que o AP já havia salientado.

Todos os AP^s me animaram, mas faço uma ressalva em especial a Ap “Dalva”, que deixou claro já no primeiro encontro que estava ali não só com o intuito de julgar nosso produto final e sim de olhar além. Nos olharia com o coração e isso foi marcante. Pois ministrou suas aulas com dedicação, firmeza e convicta de que cada um chegaria até o final.

A questão do ver e do olhar trabalhado na disciplina de Pesquisa, do qual não via de início distinções entre estes dois elementos, porém a explanação da AP Maristela foi possível considerar as diferenças, pois o olhar está intimamente ligado à questão da afetividade e da relação professor/aluno onde precisamos estar atentos (Aula ministrada em Maio de 2006, Pesquisa).

Não eram receitas propriamente ditas, mas subsídios que aproveitei tanto no aspecto materno, quanto no profissional. Recordo-me também da AP. Sandra, que enfatizou a importância da leitura constante, trazendo uma nova visão sobre a formação da identidade, fazendo nos perceber que a leitura deve fazer parte do cotidiano escolar e que a criança desde pequena deve estar em contato com diversos tipos de texto. Diante disso me recordei de quando eu estava na rede de ensino da cidade de Limeira e que mesmo sem o embasamento teórico de hoje, já realizava prática de leitura com as crianças com que trabalhava, inclusive utilizando livros de plástico na banheira. Hoje posso entender que as crianças, além de se divertirem, estavam aprendendo.

Já a AP. Angélica abordou temas diversos onde os seminários eram enriquecedores. Com situações do nosso dia-a-dia, sobre a postura de professores que ainda prevalecem no senso comum, aprendi sobre o compromisso da psicologia na formação dos professores. Até que ponto há inclusão? Ela fez-nos refletir que na Psicologia não há uma prática neutra; nem uma visão do saber absoluto.

Percebi também que em certos momentos a criança ainda sofre as dificuldades de um trabalho escravo, assumindo responsabilidades na tenra idade. (“analogia feita do trabalho escravo à criança do passado (Marx) e a atual pela AP. “Márcia” em Aula

⁷ Assistentes Pedagógicos

ministrada em Março de 2006, Sociologia”). Responsabilidades estas que na atualidade vem aumentando, pois muitas mães têm que trabalhar, ficando muitas vezes o filho mais velho responsável por cuidar da casa e dos irmãos mais novos.

Tanto em Artes como em Educação Física, a AP Marilise me estimulou a renovar e buscar estratégias para despertar na criança o interesse para criar com as brincadeiras e jogos envolvendo-se em diversas modalidades.

Considero que as duas disciplinas foram de extrema importância para o meu cotidiano, pois vejo que num passado não tão remoto eu utilizei as estratégias apresentadas, buscando sanar problemas do momento, que era o alto índice de agressividade.

“As políticas públicas, buscam resolução para todo o problema educacional, ou ainda é uma base para uma análise futura” (AP. “Júlio” Aula ministrada em Fevereiro de 2007, Política). Diante desta disciplina foi possível ampliar meus conhecimentos acerca de questões que até então não havia pensado (Capitalismo, Neoliberalismo, etc.) me ajudando a compreender a importância da reflexão e do diálogo através dos textos abordados.

Também a disciplina de Temas Transversais, quanto à Criança de 0 de 6 anos, foi possível relacionar à minha prática, pois abordou temas diversos voltados a história social da criança, ressaltando que alguns valores oriundos do lar vão para a escola deturpados. E a noção de respeito como chamar o pai ou a mãe de (senhor / senhora) já estão quase extintos. Mas percebo que tais valores ainda podem ser enfatizados, havendo uma reciprocidade lar x escola” (AP “Zenaíde”: Aula ministrada em Março de 2007, Educação de 0 à 6 anos).

A AP “Conceição”, na disciplina de Gestão Educacional, abordou sobre as diversas leis existentes conscientizando-nos de que a escola vai além dos muros, devendo haver uma reciprocidade entre escola x comunidade (Aula ministrada em Agosto de 2007). Assim pude entender a importância da comunidade estar inserida na escola, não apenas ocupando um espaço, mas interagindo com a mesma.

Através do trabalho final desta disciplina foi possível fazer uma analogia entre o local onde trabalho, percebendo a instituição onde estou inserida não é totalmente centralizadora ou monopolizadora e dá abertura aos funcionários.

A AP “Lindaurea”, na disciplina de Educação Infantil, trabalhou com conceitos básicos sobre educação infantil e as brincadeiras diversas, onde pude interagir com as dificuldades do dia-a-dia (AP em Aula ministrada em Setembro de 2007, Educação

Infantil). Todos os vídeos, apresentavam para mim uma novidade, porém o que retratou a realidade de uma creche italiana, onde o número de crianças cuidadas por uma educadora é bem diferente da realidade brasileira, mais me impressionou ao falar sobre a infra-estrutura das creches, analisadas através de maquetes em 26/11/2007) fazendo nos analisar como deveria ser um ambiente adequado, diferente de nossa realidade.

Confesso que ao iniciar o curso conforme já citei tive medo, angústias e ao mesmo tempo muitas dificuldades, pois estava desvinculada da área educacional enquanto aluna a cerca de 10 anos, quando concluí o magistério.

Quando ingressei na Universidade, algo tão almejado por muitos, enfim conquistado, falei a mim mesma: “Aproveitarei ao máximo, pois terei contato com mestres, doutores que na realidade são munidos de uma grande experiência tanto no nível teórico quanto no prático”. E pensando assim, pude sentir que todas as aulas ministradas repercutiam para o decorrer do meu cotidiano, analisando que cada experiência enfatizada em nossa trajetória sendo ela com êxito ou não, nos permite crescer tanto profissionalmente quanto pessoalmente.

Todas as disciplinas acrescentaram um teor crítico onde as minhas práticas tomaram um rumo voltado ainda mais para rever situações que às vezes passavam despercebidas deixando sem solução foi quando vi que realmente o PROESF fez a diferença. Apreendi bastante sobre a questão do registro, constatando a importância do mesmo, influenciando em deixar marcas do presente e do passado. Vejo que essas marcas independentemente de serem positivas ou negativas se bem trabalhadas com nossos alunos, os mesmos lembrarão e farão das mesmas um marco incentivador.

As práticas desenvolvidas nas brincadeiras deixou claro que o horizonte infantil vai além dos materiais prontos e adquiridos em loja, que nós juntamente com as crianças podemos confeccioná-los e brincarmos sem fronteiras, fazendo um resgate das brincadeiras.

Dentro deste contexto, vejo que o brincar esteve presente em toda minha trajetória amenizando sim algo que para mim foi tão difícil de lidar: a agressividade.

Segundo Ana Lúcia Goulat “brincar é uma ação humana que não separa o pensar do fazer” (*Aula MAGNA*, 28/08/2007). Nesta aula, senti a importância do ato de brincar que vai além do corporal, surgindo assim inovações onde a criança refaz uma série de conceitos posicionando-se de maneira diferente perante alguma situação, na qual muitas vezes pode ser a agressividade.

Diante dessa repercussão que fiz do curso PROESF tenho hoje, uma visão diferenciada quanto ao que vivia, pois a alienação se fazia presente em muitos momentos ocultando meu ponto de vista.

Segundo Freire (1987,p.58)

(...) o educador que aliena a ignorância se mantém em posições fixas invariáveis. Será o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca (...)

Vejo que no decorrer desta caminhada através do curso o que foi frisado é essa busca de conhecimentos, visando uma reciprocidade constante entre professor e aluno, sendo que o professor não deteve o saber e sim foi um mediador deixando que a alienação não se fizesse presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebo hoje, depois do PROESF que toda dificuldade encontrada no decorrer de uma trajetória profissional requer trabalho, estudo e metas a serem seguidas. Foi possível rever pré-conceitos e conhecer novos conceitos inserindo-os em minha prática.

Repensando valores como respeito e solidariedade percebi como estes se estendem para outros âmbitos, pois o trabalho não deve ser centrado apenas no cotidiano escolar, mas todas as dimensões onde a criança está inserida.

Assim considero que tais valores devem fazer parte da vida da criança desde muito cedo, pois isso repercutirá positivamente em seu futuro, principalmente na sua vida social.

Finalizando, considero que o PROESF ofereceu subsídios que estou aproveitando na minha prática como educadora. Meu cotidiano mudou e hoje sou capaz de indagar sobre muitas coisas e, assim avançando no conhecimento terei um futuro profissional com muitas inovações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS. LEI 9.394 DE 20 DE NOVEMBRO DE 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Luiz Carlos de. *A lógica da Escola*. In: Ciclos, seriação e avaliação: 1ª ed. – Moderna, 2003.

FOCAULT, Michel. *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*: tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e Gestão, Objetivos do ensino e trabalho dos professores*. In: LIBÂNEO, José Carlos, OLIVEIRA, João Ferreira, TOSHI, Mirza Seabra. In : *Educação escolar: políticas, estruturas e organização*. São Paulo: Cortez, 2003.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Apresentação dos temas transversais ética Secretaria da Educação – Brasília: Mec / SEF – 1997.

PIAGET, Jean. *Psicologia e Pedagogia*. Trad. por Dirceu Accioly Lindoso. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

_____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SIGNORETE, A.E.R.S. et al. *Educação e cuidado: dimensões afetiva e biológica* Constituem o Binômio de atendimento: Revista do Professor. Porto Alegre : nº. 72 out. / dezembro 2002.

TIBA, Içami: *Quem ama Educa!* São Paulo: Editora Gente 2002.

VINHA, Telma Pileggi. *O educador e a moralidade Infantil* : uma visão construtivista. Campinas, Mercado das Letras. São Paulo: Fapesp. 2000

ZAGURY, Tânia, 1949 – *Educar sem culpa: a gênese da ética*. 19ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2002.